

Discurso de abertura das celebrações do Dia Nacional do Mar 2011

To begin with, I must apologize to our guests, but my first words have to be in Portuguese. It is mandatory that I start giving formal salutations to the authorities and the public present and, in our mother language, share the vision of this encounter.

Caro Sr. Pró-Reitor da Universidade dos Açores,

Caros Sr. Inspector Regional das Pescas,

Dear guests,

Caros Investigadores,

Caros convidados,

Minhas senhoras e meus senhores,

É uma enorme honra para mim, estar aqui neste momento para, em nome de S. Exa. o Sr. Presidente do Governo dos Açores, Carlos César, dar-vos as boas vindas a este encontro de celebração do Mar de Portugal.

No dia 19 de Janeiro deste ano, nesta mesma sala, teve início um período de dois dias de reflexão intensa a que chamamos “Conhecer o Mar dos Açores: Fórum Científico de Apoio à Decisão”. Aqui, neste palco, estive a maioria dos cientistas marinhos residentes nos Açores que estavam interessados em partilhar conhecimento e em contribuir para a interacção com a Administração Regional tendente à adopção das melhores práticas. Nesse período ficou claramente identificada a oportunidade que o Mar dos Açores constitui para o progresso da Região, foram identificadas debilidades e, na parte que mais de perto me dizia respeito, a Administração obteve informações, integrou-se nas redes de colaboração científica e iniciou diálogos que ainda não terminaram. Aliás, nunca terminarão... Este dia e estas celebrações estão exactamente integradas nessa sequência.

Novamente, a Administração Regional coloca-se no lado de quem quer aprender, de quem quer saber mais, toma notas e angaria a informação necessária para que possa trilhar os melhores caminhos. Mais uma vez, não quer fazer essa trajecto sozinha e, por isso, abre esta jornada à população científica e a qualquer cidadão interessado nesta oportunidade. Agradeço, desde já, ao Sr. Director da Biblioteca Pública da Horta a cedência deste espaço para este evento.

Procurando a maior dignificação possível deste novo período de reflexão, integramos este evento nas celebrações oficiais do Dia Nacional do Mar. Ao mesmo tempo, projectámos, com ênfase europeia, o que aqui se passa hoje, fazendo com que se integre no âmbito dos “Open Days – Semana Europeia das Regiões e Cidades”, uma iniciativa da Comissão Europeia.

Com efeito, os Açores, em parceria com regiões como Lisboa, Canárias, Astúrias, Baixa-Normandia e País de Gales, organizaram, em Bruxelas, em Outubro e no âmbito daquele que é o maior evento europeu de regiões, um Seminário apropriadamente intitulado “ O Atlântico – uma fonte de oportunidades para o Desenvolvimento Sustentável”. Agora e através deste ciclo de palestras sobre “o uso sustentável do Mar”, trazemos também à Região a “Semana Europeia das Regiões” e o tema que elegemos como prioritário: O Mar.

Por essa razão, esta sessão foi organizada com o apoio entusiasta e enérgico do Gabinete do Sr. SubSecretário Regional dos Assuntos Europeus e Cooperação Externa, Dr. Rodrigo Oliveira. Agradecimentos óbvios são também devidos ao Departamento de Oceanografia e Pescas da Universidade e Instituto do Mar, instituições lideradas pelo Doutor Ricardo Serrão Santos e que, desde início, nos ajudaram a organizar este evento. Aos Correios de Portugal agradeço o facto de se terem associado a estas celebrações e por darem uma face visível, de elevado prestígio e duradoura a estas celebrações. Por último, mas não em último, um agradecimento à Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento. Esta instituição, logo que descobriu o que iria suceder na Horta e antes mesmo de se pensar em qualquer materialização do apoio, decidiu estar ao nosso lado nesta intenção que agora apresentamos. À minha equipa, cujo entusiasmo, empenho e competência é impagável e indiscutível, aqui fica também o meu reconhecido agradecimento.

Iremos ter uma sessão separada em duas partes, mas unidas pelo mote da “Utilização Sustentável do Mar dos Açores”. Apesar desta sessão ser nitidamente dedicada ao mar profundo, não haverá barreiras para a nossa discussão e tendo entre nós tão ilustres convidados e plateia, tenho a certeza que se proporcionará um momento de partilha tão intenso e alargado quanto quisermos.

Aliás, para motivar essa abrangência, deixo desde já algumas palavras de repto e de contextualização.

Vivemos no Arquipélago dos Açores. Aqui, nove ilhas deixam antever um mar brilhante e alargado, em que as oportunidades existentes somadas às potenciais, certamente, se aproximam do infinito. E se começo desta forma, em termos quase poéticos, é para realçar que o primeiro valor do Mar dos Açores jaz na emoção da nossa cultura. Para não parafrasear novamente a dupla natureza proclamada por Vitorino Nemésio, que ultimamente parece estar novamente na moda, relembro poetas como Pedro da Silveira, Natália Correia, Ivo Machado

ou o cinzento marinho de Roberto Mesquita. E como eles, os romancistas Dias de Melo e Álamo de Oliveira, os pintores Carlos Carreiro ou a nossa pintora, presente na sala, Margarida Madruga, levaram do mar parte da inspiração que nos enchem o coração e o sentido estético. Num âmbito mais realista, mas não menos meritório, fotógrafos da natureza marinha, como o Nuno Sá, têm-se estabelecido ou utilizado o nosso arquipélago como plataforma de trabalho e com resultados premiados ao mais alto nível internacional.

Como me dizia há uns dias atrás um emérito cientista presente nesta sala, “um sistema de informação geográfico sobre o mar deve incluir a informação sobre a inspiração artística que proporciona.”. Eu concordo com ele, apesar disso nos ir dar muito mais trabalho...

Um dos usos que começa a ser tradicional do mar dos Açores relaciona-se, pelo menos levemente, com o anterior. Trata-se do registo audiovisual de cetáceos. Ao contrário de outros registos audiovisuais, no caso dos cetáceos, dada a sensibilidade dos animais em causa e o perigo inerente à actividade, fazemos um seguimento, que tenta ser rigoroso e, isso podemos garantir, rende à Região uma verba interessante.

Mais proveitoso ainda é o valor inerente a toda a actividade de observação de cetáceos nos Açores. O Pico, o Faial e São Miguel têm sido as ilhas que melhor têm explorado esta possibilidade, mas a Terceira já se perfila como a quarta ilha mais procurada. Os valores estimados para o arquipélago ascendem já às dezenas de milhões de euros anuais e ainda não estão exploradas todas as ilhas.

Aliás, em abono da verdade, nem tenho a certeza que o estender da actividade a todas as ilhas seja a melhor opção. De facto, a especialização geográfica que tem nascido, por exemplo em Santa Maria, tem tido bons resultados e já sustenta quatro empresas e uma quinta prepara-se para se estabelecer. O recurso, nestes casos, são os tubarões-baleia e as jamantas.

Na Ilha do Corvo, a especialização tem recaído sobre as aves e com um contágio apreciável à população local. Neste momento, a observação da avifauna começa-se a estabelecer como o recurso de exportação mais importante da ilha. Obviamente, mas não só, a componente marinha das aves exerce um importante papel.

Os meros, enquanto recurso subaquático que os jovens corvinos souberam desenvolver, está, neste momento, em paragem que se espera passageira. É uma oportunidade que poderá ser agarrada por um empreendedor que esteja localizado na ilha ou lá se pretenda instalar.

Na realidade, em termos de mergulho com escafandro autónomo, em todas as ilhas se reconhece potencial e, com a excepção já mencionada na ilha do Corvo, todas têm equipamentos adequados. Mesmo ao nível do salvamento, já todos os grupos de ilhas dos Açores têm câmaras hiperbáricas. São importantes valências e que dão a este tipo de actividades o enquadramento de segurança que os turistas mais exigentes esperam ter.

Apesar de algumas fragilidades em boa hora apontadas e que estão a merecer o devido acompanhamento por parte do Governo, o mergulho subaquático tem todas as condições para se tornar uma das soluções turísticas de excelência nas ilhas. Nesse sentido, depois da Reserva Arqueológica da Baía de Angra, com o naufrágio do Lidador e o Cemitério das Âncoras, começa a tomar corpo a Reserva Arqueológica do naufrágio do Dori, na Praia do Pópulo. Ainda este final de semana o director regional da Cultura deu detalhes sobre esta intenção. Caso se concretize será mais uma escala obrigatória neste arquipélago pintalgado de azul profundo.

Novas actividades, como seja o mergulho com tubarões azuis, estão a nascer no Faial e Pico e o mergulho técnico que parece querer, literalmente, submergir na costa Sul de São Miguel e costa Oeste da Graciosa acabam por ser as cerejas no topo deste extraordinário bolo para os escafandristas europeus e norte-americanos. Nós estamos no meio do Atlântico selvagem, azul e profundo, aproveitemos esse enorme potencial de marketing!

Mas o turismo não se esgota nas actividades subaquáticas ou de observação do mundo animal. Ao cimo de água, utilizando os veleiros existentes um pouco por todo o arquipélago, a maioria dos quais tendo utilizado as linhas de apoio estabelecidas pela direcção regional do Turismo, esperam e cativam os que optarem por saborear essa extraordinária combinação de vento e ondas.

Quem sabe, num futuro próximo, seja possível dar passeios de bote ou lancha baleeira. Graças ao extraordinário trabalho de recuperação efectuado pelos Clubes Navais e outras associações de pendor cultural marinho e, obviamente, utilizando os apoios disponibilizados pelo Governo dos Açores, neste momento existe um património baleeiro que se aproxima do que existiu durante o período em que se caçavam cetáceos no nosso arquipélago. Ora, se assim é, porque razão quem nos visita não tem acesso fácil a um passeio de bote baleeiro? Relembro que este bote é simplesmente reconhecido como a mais perfeita embarcação jamais construída. Quanto estaria um turista disposto a pagar para poder sentir o levíssimo e suave cortar da água dum bote baleeiro dos Açores?

Por último, dentro desta componente económica ligada ao turismo marinho nos Açores, penso que devo voltar a referir que as águas balneares nos Açores são uma realidade com interesse indubitável. Como referi há poucos dias atrás, as águas monitorizadas pelo Governo Regional registam valores de salubridade extremamente elevados. Neste momento, as áreas balneares classificadas com bandeira azul, praia acessível ou com classificação de qualidade de ouro são exploradas directa ou indirectamente por entidades públicas. Penso que está no momento dos privados fazerem contas e avançarem propondo a exploração de algumas destas áreas. Ninguém melhor do que os privados para libertarem a administração desta responsabilidade e transformá-la numa acção totalmente lucrativa. Reforçando, relembro que, também neste final de semana, a Região foi novamente reconhecida como tendo uma orla costeira exemplar. Nós temos um galardão QualityCoast de nível dourado!

Saindo da componente turística, penso que devo lembrar que se aproximam dois factos que poderão alterar a geografia dos percursos marítimos internacionais. Por um lado, vislumbra-se no horizonte a obrigação de utilização do gás natural como o meio energético para a navegação marítima planetária associada ao transporte de carga. Se isso acontecer, os Açores ou as Bermudas passarão a ser uma paragem de reabastecimento quase obrigatória. Sabemos que o engenho humano se encarregará de ultrapassar essa limitação, como já aconteceu no passado em relação à aviação, mas, aparentemente, durante alguns anos, quem quiser atravessar o Atlântico, terá de contar com o nosso arquipélago como local de reabastecimento.

Por outro lado, a ampliação da capacidade do Canal do Panamá, permitindo a passagem de navios de ultra-grande-porte parece poder vir a reforçar o porto de Sines dentro das rotas privilegiadas para a entrada de carga marítima na Europa. Por enquanto, sei avaliar mal as consequências que, neste momento, são tomadas muito a sério pelos nossos colegas continentais e que levam a investir num aumento da operacionalidade e capacidade desta unidade portuária. No entanto, não é preciso ser um mago em geografia para entender que entre Sines e o Panamá se encontram estas nove ilhas encantadas. Haverá aqui uma oportunidade de negócio?

O uso tradicional do Mar dos Açores assenta nas valências mais prosaicas ligadas aos transportes marítimos não apenas entre os continentes, mas também para o serviço às ilhas e entre ilhas, na exploração de inertes, na actividade piscatória e no desporto. Rematando a componente dos transportes, reforço que estes, desde sempre, incluíram a componente de comunicações. Antes transportando a correspondência e desde o final do século XIX, servindo de meio por onde foram colocados os cabos submarinos de comunicações. Hoje através de modernos cabos de fibra óptica, a comunicação internacional assenta muito na via marítima.

Em relação à exploração de inertes o manancial identificado e explorável anualmente corresponde a cerca de 50% do que efectivamente é retirado do fundo do mar. Visto que estamos, neste caso, num regime de preços controlados por legislação e não há rupturas de fornecimento, isto significa que é uma actividade perfeitamente equilibrada.

No que diz respeito à actividade piscatória, há que dividir a temática em duas componentes. Por um lado, temos a parcela que diz respeito à zona mais exterior da Zona Económica Exclusiva. Nessa área, a União Europeia, contra a intenção do Governo dos Açores e contra o princípio da precaução na gestão das pescarias, liberalizou a exploração dos mananciais de pesca nesta zona sensível, não introduzindo limites efectivos às capturas de espadarte e tintureira. Os resultados parecem-nos pouco promissores. Claramente, as pescarias açorianas, respeitando os princípios emanados na política comum de pescas, deveriam ser geridas pelos

Açores. Apenas assim se garantia um esforço de pesca adequado às singularidades ambientais do nosso território e respeitando a equitatividade que todos entendem como adequada.

Uma outra componente diz respeito às pescarias tradicionais de pesca de fundo, efectuadas por linhas de mão ou palangre artesanal. Os nossos pescadores estão a aprender a conviver com o regime de quotas e a conviver com um mercado diferente. Apesar da colisão, felizmente, os resultados financeiros continuam interessantes. Obviamente, para que continue eficiente, é necessário que os dados científicos obtidos com extraordinárias experiências, como as que decorrem no Monte Condor, se mantenham e fortaleçam. Não podemos perder de vista as estranhas variações nos mananciais de goraz, imperador e cherne e é necessário ir tentando entendê-las e introduzir esses resultados como regras nesta pescaria. No âmbito de uma gestão de proximidade, têm sido introduzido medidas que estimulam o sector organizacional dos próprios pescadores, podendo vir a coloca-los mais perto do cliente final e, desta forma, ampliando os seus benefícios directos. Outras actividades ainda mais arrojadas como aquelas que ligam a pesca profissional ao turismo começam a dar os primeiros passos e, no caso da ilha Terceira, conseguem já ser um factor de inclusão de género e de participação mais alargada do tecido empresarial.

Também, a necessidade de entrada de novas actividades no mar dos Açores, algumas delas já referidas neste discurso, necessitarão de espaço. É necessário fortalecer ou criar os laços de comunicação entre as diversas actividades para compatibilizar no espaço a diversas pretensões. É isto que o Plano de Ordenamento do Espaço Marítimo dos Açores irá tentar fazer, mas por si só de nada valerá. Leis que ficam no papel não têm lugar no arquipélago. Queremos consequência e sabemos que isso apenas acontece com diálogo frontal e abrangente. Como ontem, no futuro estaremos sempre a tentar motivá-lo.

Uma dessas actividades que, possivelmente, necessitará de espaço relaciona-se com a produção energética *offshore*. Projectos relacionados com o aproveitamento de algas, unidade de produção eólica do alto mar, energia das ondas, todas com os benefícios inerentes à redução da utilização de fontes fósseis, representam um futuro promissor para os empreendedores informados, competentes e corajosos. Haja projectos interessantes e viáveis e o Governo dos Açores cá estará para apoiar.

Um dos passos essenciais para fomentar o ordenamento era identificar as áreas com especial sensibilidade ambiental. Depois de identificadas 33 áreas marinhas protegidas dentro dos Parques Naturais de Ilha faltava uma componente essencial relacionada com a protecção das áreas para lá do Mar Territorial. No passado dia 11 de Novembro, o ciclo ficou completo com a publicação do diploma que cria o Parque Marinho dos Açores. As 11 áreas marinhas protegidas aí referidas completam o leque das mais importantes e sensíveis áreas existentes na Plataforma Continental Portuguesa em volta do arquipélago dos Açores. São mais de 100 mil

quilómetros quadrados que ficam sob gestão açoriana e com entendimentos internacionais alargados. É difícil fazer entender o passo de gigante que aqui foi dado, mas estas são as primeiras áreas para lá de uma zona económica exclusiva nacional que, reconhecidamente, passam a estar sob a alçada de um país apenas. Nós cumprimos o repto proposto pelas Nações Unidas responsabilizando-nos por uma área concreta e alargada do Alto-Mar. Nós cumprimos o repto da Comissão Europeia demonstrando que é possível alicerçar a utilização sustentável do Mar que fica bem para lá do horizonte. Nós cumprimos o repto da Convenção OSPAR tendo já legisladas todas as áreas designadas ao abrigo desse importante instrumento de cooperação internacional. Neste caso em concreto, como em muitos outros, os caminhos que estão a ser desbravados pelos Açores serão seguidos por outros territórios, mas fomos nós que demos o primeiro passo.

Seria altivez da minha parte se considerasse que esta tinha sido uma atitude isolada por parte do Governo. Nada mais errado. O Parque Marinho dos Açores é hoje uma realidade porque houve um enorme empenho por parte da comunidade científica, um entendimento solidário por parte das entidades extractoras, como os pescadores dos Açores e porque houve um bom entendimento com o Governo da República. O Governo dos Açores fez a sua parte e fez bem, mas não o fez sozinho!

Nesta viagem pelo mundo das oportunidades do mundo marinho dos Açores, chegamos então ao ponto em que tudo começa. A investigação científica. Graças aos parceiros da Universidade dos Açores, com particular destaque para o Departamento de Oceanografia e Pescas e Departamento de Geociências, mas incluindo outros elementos dentro e fora da Universidade, o Mar dos Açores é hoje amplamente estudado. Seja na área da ecologia Marinha, no domínio dos pequenos e grandes cetáceos, *como era referido anteontem num jornal de grande tiragem do Continente*, do desenvolvimento tecnológico para determinação dos mananciais de pescado, *como hoje era referido na Antena 1 nacional*, do acompanhamento sísmico entre quase todas as outras, os nossos investigadores dão cartas e jogam ao mais alto nível internacional. É um enorme orgulho para os Açores e para os açorianos o papel desempenhado pela Universidade.

Se nos campos que acabei de descrever, apesar das limitações apontadas, conseguimos entender o que nos rodeia e que variáveis poderão condicionar a nossa acção, em relação a actividades como a exploração mineralógica do Mar Profundo parece-me que ainda necessitamos de mais informação e enquadramento. Parece haver uma certa unanimidade em relação ao potencial existente no Mar Profundo dos Açores, mas ninguém ainda sabe com total clareza qual é esse potencial e como poderá ser utilizado. Termos como a biotecnologia, genética do mar profundo, tecnologia azul, sulfuretos polimetálicos, aplicações na farmacologia... Queremos compreender claramente tudo isto. Por essa razão, resta-nos a pergunta: o que está lá em baixo e como o poderemos explorar com sustentabilidade?

To end with, I would like to warmly welcome our invited speakers and apologize for this long speech. It is important to share with the public the opportunities offered in general terms by the Sea of the Azores. Despite knowing some of the areas in which we may bet, we still lack on information about the deep sea. This is why we have invited you to come such a long way from your hometowns. We really need to know what is down there and how may we explore it. We need to learn and with the help of the University of the Azores, you were pointed as the best teachers.

I must stress that it is a rare privilege to have you both in the same room and with the moderation of our dear friend and remarkable scientist, Doctor Ricardo Serrão Santos. Next, He will, I suppose, introduce you formally, but I wouldn't like to miss the opportunity to say that, among us, you are at home. Dear Professor Steve Scott, chere Docteur Pierre-Marie Sarradin, we are undoubtedly honored with your presence and we are anxious to hear what you have to share with us.

Thank you very much!

Muito obrigado a todos!